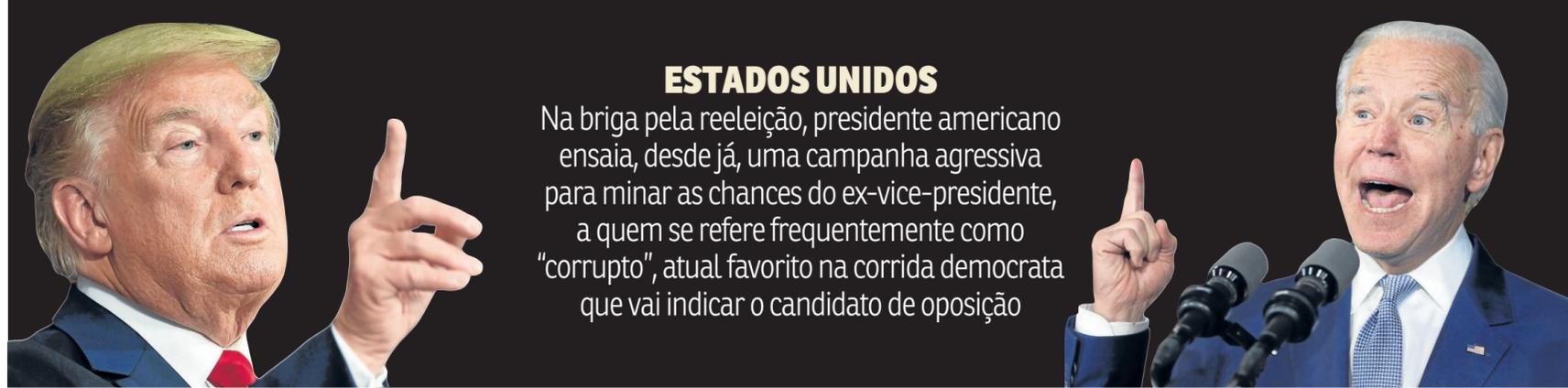


Mandel Ngan/AFP - 25/2/20

Mario Tama/Getty Images/AFP - 3/3/20



ESTADOS UNIDOS

Na briga pela reeleição, presidente americano ensaia, desde já, uma campanha agressiva para minar as chances do ex-vice-presidente, a quem se refere frequentemente como "corrupto", atual favorito na corrida democrata que vai indicar o candidato de oposição

Trump reúne munição à espera de Biden

» JORGE VASCONCELLOS

Os movimentos da política norte-americana dos últimos dias evidenciam o tom altamente polarizado e agressivo que deve dominar a campanha para as eleições de 3 de novembro nos Estados Unidos. Com as primárias do Partido Democrata ainda no meio do caminho, o presidente Donald Trump não esconde a tática de terra arrasada que pretende lançar contra Joe Biden, que assumiu, nesta semana, a liderança da disputa para ser o candidato de oposição, após resultados exitosos na Superterça.

Ex-vice-presidente de Barack Obama, o moderado Biden superou, após uma recuperação espetacular, o progressista Bernie Sanders, graças a uma mensagem tranquilizadora que defende o retorno à calma e à "decência" nos EUA.

Chamado frequentemente por Trump de "corrupto", Joe Biden também é alvo preferencial dos deboches do presidente, que o ironiza por suas gafes, insinuando que o ex-senador de 77 anos é senil.

A reação de Trump à vitória do democrata nas primárias da Superterça deu uma ideia de como será o ritmo da campanha até novembro. Embora tenha parabenizado o ex-vice, no dia seguinte à decisiva rodada, por seu "incrível ressurgimento" na corrida pela Casa Branca, sugeriu que o democrata — apelidado por ele de *Sleepy Joe* (Joe, o dorminhoco) — se mantenha de pé apenas porque tem ajuda.

Temor

E, durante o resto da semana, zombou de Biden publicamente por seus erros, afirmando que, se ele, Trump, os tivesse cometido, "seria o fim do caminho". Apesar disso, todos os sinais dão a en-

Anis Mili/AFP



Duplo atentado na Tunísia

Um policial morreu e outros cinco ficaram feridos, em um duplo atentado suicida, ontem, nas proximidades da embaixada dos Estados Unidos em Túnis. A explosão ocorreu antes do meio-dia (horário local), em frente à representação diplomática, situada em Berges du Lac, um bairro a cerca de 10km do centro da capital. O setor é protegido permanentemente por fortes barreiras de segurança. Segundo policiais que estavam no local, dois homens chegaram de moto e detonaram a carga explosiva ao se aproximar dos agentes que estavam em um cruzamento que leva à embaixada. Ouvia-se apenas uma explosão, num sinal de que um dos homens não conseguiu detonar a bomba que carregava.

tender que Trump teme mais Biden do que Sanders, chamado por ele de O louco Bernie.

No cálculo do presidente, seria perfeito um confronto com Sanders, um político que passou a lua de mel na extinta União Soviética, que elogiou aspectos da Cuba comunista, define-se como "socialista democrático" e pretende revolucionar a economia americana.

Em cada discurso, o magnata republicano lança advertências aos norte-americanos sobre o "pesadelo socialista" que os espera, em caso de vitória de Sanders, senador por Vermont.

Na semana passada, em um comício, Donald Trump perguntou aos eleitores quem ele deveria enfrentar. A multidão gritou: "Sanders". O presidente

concordou: "Acho que Bernie é mais fácil de vencer".

Joe Biden, embora carregue nas costas o peso das longas décadas que passou no Congresso, e até o fato de ser mais velho do que Trump, de 73 anos, parece assustar o chefe da Casa Branca por ser uma figura associada ao popular Barack Obama.

No ano passado, o republicano

assumiu um grande risco ao tentar descobrir provas de que Joe Biden, quando era vice-presidente, usou influência política para conseguir um confortável trabalho na Ucrânia para o filho Hunter, quando era vice-presidente dos EUA.

Nunca encontrou provas de fato, apesar de ter pressionado o presidente ucraniano para que seu país investigasse Biden.

Disso, resultou num julgamento político contra Trump no Congresso, do qual acabou absolvido, escapando de ser afastado por impeachment.

Ainda assim, ele espera tirar proveito da história da suposta corrupção de Biden, caso o democrata seja escolhido o candidato para brigar pela Casa Branca.

"Esse será um tema importante na campanha. Vou falar disso o tempo todo", avisou o presidente, na quarta-feira, em entrevista a Sean Hannity, da Fox News. "Não vejo como poderão responder. (...) Foi um caso de corrupção puro", comentou.

"(Biden) Sempre foi muito propenso a cometer gafes. Sempre foi, sempre esteve em apuros", insistiu Trump na conversa com Hannity, em um tom de preocupação. "Mas nunca como agora. O que está acontecendo hoje é uma loucura", completou, seguindo a estratégia de demolir o potencial adversário.

Para Lincoln Mitchell, professor de Ciência Política da Universidade de Columbia, de Nova York, Trump tem se apegado ao caso Ucrânia, mesmo sem provas, como uma estratégia para se contrapor a eventuais acusações contra si, partidas de Biden.

"A razão pela qual esse ataque funcionará um pouco para Trump é, primeiro, porque deve permitir um certo equilíbrio diante das acusações democratas contra Trump, por seu comportamento reconhecidamente corrupto", disse Mitchell ao *Correio*. "Segundo, porque ajuda a criar uma imagem de Biden como um membro de Washington que já existe há muito tempo e que embaçou a linha entre política e negócios", observou, acrescentando: "Não há muita evidência de que o próprio Biden tenha feito isso, mas essa verdade pode não ter importância para Trump em uma campanha presidencial."

TERROR

Estado Islâmico ataca em Cabul

O grupo extremista Estado Islâmico (EI) assumiu a autoria de um ataque que deixou pelo menos 29 mortos e mais de 60 feridos durante um evento político em Cabul, a capital do Afeganistão. Os talibãs, que nos últimos dias promoveram inúmeras ofensivas no país, negaram qualquer responsabilidade no atentado.

Em comunicado divulgado no aplicativo de mensagens Telegram, o EI anunciou que dois de seus integrantes promoveram a investida, realizada contra uma cerimônia em memória de Abdul Ali Mazari, um político da minoria hazara. Seus membros são majoritariamente xiitas, em um Afeganistão amplamente sunita.

"Dois irmãos... atacaram uma reunião de apóstatas em Cabul

com metralhadoras, granadas e lança-granadas", informaram os extremistas. No ano passado, um ataque que teria sido cometido com disparos de morteiro pelo EI nessa mesma cerimônia deixou ao menos 11 mortos.

Desta vez, os disparos tiveram origem em uma obra em construção próxima ao evento, informou o porta-voz do Ministério, Nasrat Rahimi. Trata-se do primeiro atentado na capital afegã desde a assinatura do acordo entre os talibãs e os Estados Unidos, sábado passado, em Doha.

Fotos nas redes sociais mostravam corpos alinhados no chão, alguns deles com um pano que cobria o rosto da vítima. Vários integrantes da elite política afegã estavam presentes, entre eles o

primeiro-ministro Abdullah Abdullah, que afirma ter vencido a eleição presidencial de setembro, apesar de o resultado oficial mostrar sua derrota.

"Estávamos no meio da cerimônia quando, de repente, ouvimos disparos", contou Mohammad Mohaqiq, o mais conhecido dos políticos hazara e próximo a Abdullah Abdullah, em entrevista à emissora Tolonews. Também estavam lá, o ex-presidente Hamid Karzai e o ex-primeiro-ministro Salahuddin Rabbani, que deixaram o local um pouco antes.

Ontem, o presidente dos EUA, Donald Trump, admitiu a hipótese de que os talibãs retomem o poder no Afeganistão após a retirada das tropas americanas. "É uma possibilidade", disse.

STR/AFP



Homem é socorrido após investida na capital afegã: Talibã assegurou que nada teve a ver com o episódio